

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

COMPLEXIDADE, IMAGINÁRIO, ORGANIZAÇÃO  
E EDUCAÇÃO

*Altair Macedo Lahud Loureiro, Maria Amélia  
Teles e Bernadete Moreira Pessanha Cordeiro*

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
BRASÍLIA, 1998

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

COMPLEXIDADE, IMAGINÁRIO, ORGANIZAÇÃO  
E EDUCAÇÃO

*Altair Macedo Lahud Loureiro, Maria Amélia  
Teles e Bernadete Moreira Pessanha Cordeiro*

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
BRASÍLIA, 1998

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida,  
por qualquer meio, sem a autorização por escrito da Editora.

*Impresso no Brasil*  
EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
SCS Edifício OK Q. 2 Nº 78  
70300-500 Brasília, DF

Copyright © 1998 by Altair Macedo Lahud Loureiro

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília

Coleção de Textos Universitários

Esta coleção visa publicar textos produzidos pelos docentes para uso em sala de aula, fomentando a criação de material didático na própria UnB.

A atual edição preliminar é impressa pelo processo reprográfico.

Os textos são de responsabilidade dos autores e respectivos departamentos e poderão ser aperfeiçoados para aproveitamento em futuras edições, sob a forma de livro.

*Reprografia:*  
Pedro Lima Neto  
Luís Antônio Rosa Ribeiro

*Capa:*  
Elmano Rodrigues Pinheiro

Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

L892

Loureiro, Altair Macedo Lahud  
Complexidade, imaginário, organização, e educação / Altair Macedo Lahud  
Loureiro, Maria Amélia Teles, Bernadete Moreira Pessanha Cordeiro. — Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1998.  
52p. - (Coleção textos universitários)

1. Educação. I. Teles, Maria Amélia. II. Cordeiro, Bernadete Moreira Pessanha. III. Título. IV. Série.

CDU 37.01



## SUMÁRIO

**Apresentação .....p 03**

1 - Complexidade, Organização e Educação - Altair Macedo  
Lahud Loureiro.....p 05

2 - O Preconceito Racial e a Educação - O caso Maria  
Faustina - Maria Amélia Teles.....p 43

3 - O Imaginário de Professores de Uma Pré-Escola de  
Brasília - Bernadete Moreira Pessanha Cordeiro.....p 52

## APRESENTAÇÃO

Este elenco de três textos significa uma parcial informação do processo de estudos e pesquisas realizados por PROFESSORA E ALUNAS do Curso de Pós-Graduação-Mestrado -em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, enquanto envolvidos na linha de Gestão da Educação - Antropologia das Organizações - do referido programa/curso.

Os escritos, aqui arrolados apresentam, ênfase nas teorias Organizacionais, Teoria do Imaginário, de Gilbert Durand, da Complexidade, de Edgar Morin, do Cotidiano de Michel Maffesoli e da Culturálise de Grupos, de Paula Carvalho, bem como prestígiam a utilização do Arquétipo Teste de Novos Elementos - A.T.9\*, de Yves Durand.

Na oportunidade da realização, em Recife-Pernambuco, do IX Ciclo de Estudos sobre o imaginário, que versou sobre Imaginário e Complexidade, os textos, aqui incluídos, foram apresentados por suas autoras - professora e alunas - e discutidos em conjunto pelos participantes do evento, tendo, na oportunidade, a confirmação da sua pertinência, coerência e valor acadêmico. Acredita-se, portanto, significativa sua publicação/divulgação sob a forma de Textos Universitários, considerando-se a possibilidade do seu mais amplo conhecimento, agora por alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da referida faculdade de Educação, de outros núcleos e mesmos de fora da UnB, interessados nas dimensões, já explicitadas, neles enfocadas.

Sua consideração e uso poderá se dar em cursos de Antropologia das Organizações, disciplina emergente em várias universidades, entre elas: USP, UFMT, UFPE, UnB, Organização da Educação Brasileira - OEB -, Estrutura e Funcionamento do Ensino, Administração da Educação, Gestão e outras. Poderá também funcionar como leitura, para iniciantes/curiosos no conhecimento das teorias de base dos escritos.

Os textos produzidos pelas alunas/mestrandas, hoje mestras, apresentam parte das pesquisas de campo e bibliográficas que fundamentam suas já aprovadas dissertações. O Texto " O Preconceito Racial e a Educação: O Caso Maria Faustina", de Maria Amélia Teles, refere-se ao levantamento do imaginário de um grupo de pessoas que conviveram com uma Babá negra e aponta para a existência dos preconceitos e a sua (des)consideração na educação. O texto " O Imaginário de Professores de uma pré-escola de Brasília", de Bernadete Moreira Pessanha Cordeiro, diz respeito ao conhecimento/levantamento das representações imagético-simbólicas de um grupo de professores de uma Pré-escola de Brasília sobre a Gestão da Escola e a consideração da Paisagem Mental na Organização e

gestão da educação.

Quanto à “Complexidade, Organização e Educação”, trata-se de síntese de estudos sobre as teorias de base dos textos aqui registrados e a aplicação do teste Arquétipo Teste de Nove Elementos - AT-9- como metodologia/instrumento capaz de captar a complexidade e o imaginário dos grupos. O escrito é extraído de

pesquisa realizada pela professora ALTAIR MACEDO LAHUD LOUREIRO, sobre o imaginário de um grupo de idosos, professores aposentados de Brasília, pesquisa base da tese de doutorado aprovada, em 1993, pela Universidade de São Paulo - USP.

Espera-se, com esta publicação, divulgar um pouco dos resultados/esforços que vimos empreendendo conjuntamente - professora e alunas-, na direção do entendimento de uma paradigmática aberta e abrangente da gestão, em particular, e da educação, em geral, sob a luz das teorias explicitadas.

ALTAIR MACEDO LAHUD LOUREIRO\*\*

\* Sobre o teste AT-9, ver LAHUD, Altair Macedo. O Imaginário e o AT9. Brasília: textos Universitários, Edunb, 1996

\*\*Professora adjunta do departamento de Planejamento e Administração - PAD/FE/UnB. Dra. em Educação - Administração Escolar - pela Universidade de São Paulo - USP - com Estágio no Centre de Recherche Sur l' Ilma Ginaire Grenoble/Chamery - france.

**1**

**COMPLEXIDADE, ORGANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO**

Altair Macedo Lahud Loureiro

# COMPLEXIDADE, ORGANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO

ALTAIR MACEDO LAHUD LOUREIRO \*

"Os sinos dobram por uma teoria fechada, fragmentada e simplificadora do homem. A era da teoria aberta, multidimensional e complexa já começa." Edgar Morin

Como entender a complexidade? Como trabalhar com ela sem reduzi-la a partes estanques; sem amputá-la de todos os significados e significantes que tecem a trama hipercomplexa da vida?

Para encaminhar as reflexões sobre Como Entender a Complexidade, começo, de forma rápida, acompanhada de perto das idéias explicitadas em obras de Edgar Morin, Paula Carvalho e Henry Atlan, naquilo que considero pontos focais em uma discussão sobre o tema.<sup>1</sup> Em seguida, firmada na Culturálise de Grupos de Paula Carvalho, faço alusão ao Arquétipo Teste de Novo Elementos - o AT-9, de Yves Durand, demorando-me, um pouco mais, em um de seus modelos de análise: a Análise Actancial

---

\* Doutora em Educação - Administração Escolar - Universidade de São Paulo USP com estágio no Centre de Recherche sur l'Imaginaire - CRI Grenoble/Chambery/france. Profa. Adjunto do Dep. de Planejamento e Administração da Fac. de Educação da Universidade de Brasília PAD/FE/UnB.

<sup>1</sup> a) MORIN, Edgar. O Enigma do Homem. S.Paulo círculo do Livro, s.d.

b) PAULA CARVALHO, J. C. de Antropologia das Organizações e Educação. Um Ensaio Holo-nômico. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

c) ATLAN, HENRY. Entre o Cristal e a Fumaça. Ensaio sobre a organização do ser vivo. Tradução Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

auxiliada pelo Diagrama Actancial. Exemplifico o modelo com a apresentação, da análise e interpretação de um protocolo do teste AT-9 aplicado, para depois propor a consideração, dos conceitos aludidos, no processo organizacional da educação e cultura.

## INTRODUÇÃO

Criticando a racionalidade técnica, Edgar Morin, fala em “razão aberta” e estabelece o paradigma da complexidade, - visão de mundo com lentes formadas “por um conjunto de princípios de inteligibilidade que muito unidos uns aos outros” -, amalgamados por escrutíneos vários e dispares, móveis e com gradação colórica da percepção das lonjuras e proximidades, tamanhos e formas -, “poderia determinar as condições de uma visão complexa, não simplista redutiva ou reduzida do universo físico, biológico e antro-po-social<sup>2</sup>”. Um paradigma aberto, que nesta abertura acolhe o todo sem se identificar com o apenas eclético, não se fixará nos extremos limites radicais, mas sim, verá, explicitará e considerará as nuances entre o preto e o branco, o longe e o perto, o grande e o pequeno; considerará também o cinza, o vermelho, o médio, o mediano, o trânsito ... numa gradação minuciosa de rede com potência de captação do até mesmo inaudível, imperceptível, indizível ... inobservável, sendo que os detalhes múltiplos são, pelo paradigma, fonte de informação e constituições imprescindíveis à compreensão do todo.

É o único respeitado no múltiplo. É o diferente no conjunto preestabelecido

---

<sup>2</sup> MORIN, Edgar, in PAULA CARVALHO, J. C. de. Antropologia das Organizações. op. cit. Rio de Janeiro, Imago, 1990. p. 100; 101.

ressaltado como também de valor. É a alteridade, princípio subjacente, nem sempre bem entendido e cumprido ao dito nomotético da “condenação do tratamento desigual.”

O afetivo, resíduo desconsiderado na atualidade capitalista, a “part maudite”, de Bataille, a “disrupção afetivo - crítica”, de Edgar Morin, tem, também dito por Paula Carvalho, “caráter cognitivo e organizacional da desordem - uma razão complexa ... dialógica.”<sup>3</sup>

As teorias fechadas, trancadas em si mesmas, foram aos poucos sendo invadidas, arrombadas, rachadas, fendidas pela presença e intromissão de outras visões, de outros conceitos. Tais conceitos também aos poucos vem dando lugar a posturas mais abertas. Pelas brechas abertas, nem sempre permitidas, mas impostas pela necessidade de conhecer, desvendar, aprofundar, caminhando em direção da solução do “enigma” e da completação humana - que nunca se completará - é que se vem operando as conexões, relações que se complementam, que concorrem lado a lado, apesar de, por vezes se posicionarem contrárias, antagonistas.

As facetas do múltiplo que compõem a unidade a entender são, ao mesmo tempo “complementares”, pois suas interfaces se acoplam e são “concorrentes”, pois em certos pontos se tocam sem destruírem-se compactando a visão da superfície que na profundidade pode divergir - “antagonista”-, mas que, na dialética das suas farpas trocadas, tecem, na contradição, a teia suporte da realidade e do novo: da vida.

Estas brechas expostas com o surgimento de teorias tais como a da informação e da cibernética, portadoras de nova perspectiva teórica endereçada às

---

<sup>3</sup> Idem.

“máquinas artificiais”, e o surgimento da idéia da estrutura química do código genético, das estruturas físico-químicas, a evidência da “organização biológica feita com construções químicas e físicas, matérias assim não exteriores a nós, mas fazendo parte de nós”, somam-se para o entendimento da complexidade e da consequente transdisciplinaridade. A nova biologia recorreu a noções como: “código mensagem, programa, comunicação, inibição, repressão, expressão, controle”, noções de caráter cibernético, comparando a célula com a máquina auto-comandada e controlada informacionalmente: princípios de organização.<sup>4</sup> “Qualquer organização celular, portanto é feita de estruturas fluidas e dinâmicas.”<sup>5</sup> A máquina é uma totalidade organizada. Sendo que as células, as máquinas e as sociedades humanas obedecem a princípios organizacionais e que a termodinâmica não fornece mais do que um princípio de desorganização, a entropia crescente - tendência para a desordem molecular e para a desorganização -, e a vida significa tendência para a organização, para a complexidade corrente, ou seja, para a neguentropia, é preciso respeitar este paradoxo da organização viva. Tal paradoxo exige, para ser enfrentado, uma “concepção que liga estreitamente ordem e desordem, isto é, que faz da vida um “sistema de reorganização” permanente fundado sobre uma lógica da complexidade.

Von Neumann demonstrou a diferença de natureza entre a máquina artificial, que tem na degenerescência seu começo, e a máquina viva, com capacidade de aumentar sua complexidade, pois que, em certo sentido, generativa viva ou natural reconstitui, reproduz, regenera aquilo que se desgasta: pode se “auto-reparar” e assim funcionar

---

<sup>4</sup> MORIN, Edgar. O Enigma do Homem. op. cit. p.p. 26/27.

<sup>5</sup> ATLAN, Henry. Entre o Cristal e a Fumaça. op. cit. p.9

apesar das “avarias” momentâneas, enquanto a máquina artificial apenas identifica, sinaliza o erro, diagnostica a falha, mas, logo depois, para, não regenera. “Enquanto a desordem íntima, o ruído ou o erro desgasta sempre a máquina artificial, a máquina viva ... funciona sempre com uma parte de ruído, e o aumento de complexidade, em vez de diminuir, a parte tolerada de ruído, aumenta-a”.<sup>6</sup>

Assim, segundo Edgar Morin, parece haver uma relação generativa íntima entre o aumento de “ruído” ou desordem e o aumento de complexidade “nas máquinas vivas”. O ser vivo está sujeito a uma “lógica de funcionamento e de desenvolvimento diferente, uma lógica na qual intervêm a indeterminação, a desordem e o acaso como fatores de organização superior ou de auto-organização”.<sup>7</sup> Esta auto-organização é a característica primeira na complexidade organizacional dos sistemas vivos. A auto-organização é a autonomia íntima dos homens.

O fato fundamental da auto-organização inerente aos sistemas vivos - naturais - é, portanto, o fato da coexistência permitida e aceita do erro, da desordem, do desvio, do devaneio, do desregramento, e isto os diferencia das “máquinas artificiais” e faz complexos os sistemas vivos; sua regeneração permanente decorre precisamente disto: da identificação do desvio, pelo ruído, que não impede o seu funcionamento e permite a sua religação - “reliance”<sup>8</sup> - ao sistema. O complexo sistema que regenera, reconstrói, revive os sistemas vários, traz a permissão de sobrevivência, da própria vida.

Desta forma Morin concebe, “ao mesmo tempo, a extraordinária

---

<sup>6</sup> VON NEUMANN, J (1966) in MORIN, Edgar. op. cit. p. 28.

<sup>7</sup> MORIN, Edgar. op. cit. p. 29.

<sup>8</sup> MAFFESOLI, Michel.

diversidade neguentrópica de tudo que diz respeito ao homem e a extraordinária unidade, a partir da qual se reproduz, por transformações sujeitas a variações aleatórias, a diferença; paradoxo do uno e do múltiplo, da unidade invariante e da variabilidade de um sistema generativo”. O erro, a morte, dialetiza com a vida e há a ressurgência. São duas consciências que coexistem mas que por coexistirem se mesclam numa dupla consciência, numa outra; mas uma não anula a outra e tudo se passa, como diz Morin, “como se o homem fosse um simulador sincero com respeito a si próprio, um histérico segundo a antiga definição clínica, transformando em sintomas objetivos aquilo que provém de sua perturbação subjetiva.”<sup>9</sup>

Estes sintomas objetivos procurei, numa cultural análise, analisar para encontrar os fundamentos, a base da consciência alienada (imortalidade) cruzada com a consciência da realidade, (finitude); é o desejo de vida e o medo da morte que se confundem e se expressam em imagens, em representações imagético-simbólicas no “trajeto antropológico.”<sup>10</sup> Nestas representações, no trajeto antropológico, busquei dados para propor a consideração ( e sua importância) das mediações simbólicas nas organizações.

Com esta introdução entro agora no que este IX Ciclo de Estudos Sobre o Imaginário convencionou chamar, como título desta mesa redonda: Metodologias do Complexo.

---

<sup>9</sup> MORIN, Edgar. Op. Cit. p.p. 110 e 220.

<sup>10</sup> DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Introdução à Arquetipologia Geral. Lisboa, Editorial Presença. 1989.

## 1. Transitando na Complexidade

Como transitar no complexo? Como estudá-lo, pesquisá-lo, considerá-lo, abarcá-lo na sua multifacetada realidade sem reduzi-lo, diminuí-lo ignorando seu todo não harmônico? Como considerar a complexidade plena de dissonâncias e disregramentos numa necrofilia salutar que tal urubú (ou Fênix), necessário ao equilíbrio, apreende e precisa também dos restos, do dito escatológico para sobreviver, regenerar - renascer das cinzas?

“Lixo valioso” é o nome de uma loja de roupas e coisas usadas em Brasília. Como saber que “critério adotar” para afirmar o valor, ou desvalor, do já desconsiderado, do jogado fora? É preciso cuidado para “não jogar fora a criança com a água da bacia”.

Nesta lógica, e sobretudo pelo dito junto com os autores, e estudiosos, do assunto, é que desenvolvi uma pesquisa para encaminhar a consideração do complexo: uma dimensão outra na organização do fato educacional cultural.

Explícito, a seguir, apenas pontos fundantes da referida pesquisa, que realizei<sup>11</sup> amparada nas teorias do Imaginário, (de G. Durand), da Complexidade (de Edgar Morin) e na Culturálise de Grupos, (de Paula Carvalho), utilizando, aplicando uma das suas heurísticas, o Arquétipo Teste de Nove Elementos, de Y. Durand - O AT-9.<sup>12</sup> Na

---

<sup>11</sup> LAHUD, Altair Macedo. As Imagens da Vida e da Morte. Valores Culturais de um Grupo de Idosos e Pistas para a Criação de um Espaço Cultural. Tese de Doutorado em Educação - Administração Escolar - USP com estágio no Centre de Recherche Sur L'Imaginaire - CRI - Grenoble/Chambery - France, 1993. (mimeo).

<sup>12</sup> DURAND, Yves. L'Exploration de L'Imaginaire. Introduction a la Modelisation des Univers Myliques. Paris, l' Espace Bleu 1988.

pesquisa analiso, com o auxílio da Análise Atencial, entre outras, o imaginário, levantando as Imagens da vida e da morte de um grupo, traçando o desenho da sua paisagem mental (visão de mundo), para daí retirar indicativos para propor uma outra paradigmática, considerando o processo organizacional. Assumindo a multiplicidade de dimensões na organização é, que procurei levantar uma dimensão específica: a dimensão simbólica nas organizações.<sup>13</sup>

A organização, que considero, com Paula Carvalho, “organizacionalidade antropolítica”, porque respeita o homem, o afeto, o simbólico, é da educação e da cultura. Proponho algo na estrutura universitária; proponho a inclusão, nas reflexões e ações organizatórias, da presença andante do velho/aluno/ser humano em toda a universidade. Para tal busco suporte em estágios em organizações no exterior, na França e na Suíça,<sup>14</sup> em obras sobre Centros de Cultura, em leituras sobre os fenômenos da “velhice, do tempo e da morte”,<sup>15</sup> consultas a dicionários de símbolos,<sup>16</sup> em idéias e conceitos de vários tanatólogos, mas, mais especificamente, na interpretação dos dados obtidos, com aplicação do teste AT-9, efetuando a análise atencial proposta por Yves Durand

---

<sup>13</sup> LAHUD, LOUREIRO, Altair Macedo. “ A Dimensão Simbólica nas Organizações: Fragmentos de Um Estudo com Idosos.” In Imaginário e Organização. Brasília, Textos Universitários, Editora UnB. 1996. p.p. 12:21.

<sup>14</sup> Estágio no C.R.I. - Op. cit.; no Centre Pluridisciplinaire de Gerontologia - CPDG Grenoble France; na Université Interages - Grenoble, France e na Université de Troisième Age - UNI<sup>3</sup> - Genève Suiss, 1997.

<sup>15</sup> LAHUD, LOUREIRO, Altair Macedo. A Velhice, o Tempo e a Morte. Brasília, EDUnB, 1996. (aceito para publicação)

<sup>16</sup> CHEVALIER, Jean et Alain GHEERBRANT. Dictionaire des Symboles, Mythes, Réves, Cofumes, Gestes, Formes, edillon, Paris, Bouquqins Editions Robert Laffont, Jupiter, 1988.

amparado em Greimas, Soriau e Propp.<sup>17</sup>

## 2. O Arquétipo Teste de Nove Elementos - o AT-9.

Partindo do princípio da existência de um conhecimento prévio sobre o que significa, o que é o AT-9, o Arquétipo Teste de Nove Elementos, resumo apenas algo sobre o mesmo para deter-me na explicitação, um pouco mais ampla, do Modelo Actancial de Análise,<sup>18</sup> quando apresento, como exemplo, um protocolo<sup>19</sup> do teste com sua interpretação. A análise actancial auxiliada pela utilização do Diagrama Actancial,<sup>20</sup> explicitado adiante, valeram-me no encaminhamento da proposta em uma outra paradigmática que, como já dito, considera a dimensão simbólica na complexidade das organizações.

O Arquétipo teste de Nove Elemento, o AT-9, é um teste projetivo criado por Yves Durand, sobre a Teoria do Imaginário de Gilbert Durand.<sup>21</sup> Trata-se de um instrumento capaz de levantar / detectar / conhecer, no “trajeto antropológico”, as representações imagético-simbólicas individuais ou de grupos, o que torna evidente dados

---

<sup>17</sup> a) GREIMAS, A. J. *Semantique Structurale. Recherche de Methode.* Paris. Larousse, 1966.

b) SORIAU, E. *Les Deux Cent Mille Situations Dramatiques.* Paris. Flamarión, 1950.

c) Propp, Vladimir. *Las Raíces Históricas Del Cuento.* Caracas. Editorial fundamentos. s.d.

<sup>18</sup> DURAND, Yves. Op. cit. p. 243:307.

<sup>19</sup> LAHUD, Altair Macedo. *Imagens da Vida e da Morte ... op. cit. O protocolo do teste AT-9 apresentado é o protocolo nº 1 da Pesquisa base da tese.* 1993.

<sup>20</sup> a) DURAND, Yves. Op. cit. p. 322; b) LAHUD, Altair M. Tese op. cit. p. 484.

<sup>21</sup> DURAND, Gilbert. op. cit.

profundos relacionados com a interferência externa. O AT-9 se compõe de uma parte *desenhada* (desenho), de uma parte *discursiva* (discurso, narrativa, ou estória), de um quadro síntese das representações, funções e simbolismos atribuídos aos nove elementos arquetípicos dados e de um pequeno questionário, além de dados de identificação do sujeito-autor para facilitar o conhecimento do polo patente, na cultura-análise desenvolvida.<sup>22</sup> O desenho e o discurso se constroem estimulados por nove palavras-chaves, nove estímulos arquetípicos, nove elementos: Queda, Espada, Refúgio, Monstro Devorador, Algo Cíclico, Personagem, Água, Animal e Fogo - de onde o nome batismal do teste, "AT-9".

A leitura do universo mítico se dá no conjunto, gráfica e semanticamente registrado no teste, destes nove elementos que estimulam a imaginação a representar, de forma adequada - condizente ao grau de angústia do passar do tempo e o medo da morte (suas latências), simbiotizadas com as pressões da cultura (polo patente) - as imagens simbólicas, demonstrando assim a estrutura do imaginário.

As imagens constelam em redor de um foco ou nó polarizador. Segundo G. Durand tais imagens estruturadas classificam-se nos Regimes Diurno ou Noturno das imagens e apresentam características heróicas, místicas ou disseminatórias, ou ainda podem se apresentar de forma defeituosa, conforme a configuração do referido nó aglutinador de imagens. Mas um universo mítico nem sempre pode ser considerado, rígida e integralmente, em uma das tres categorias citadas - Heróica ou Esquizomorfa, Antifráscica ou Mística ou, Sintética ou Dissiminatória. Yves Durand reclassifica as estruturas

---

<sup>22</sup> LAHUD, LOUREIRO, Altair Macedo. O AT-9 e o Imaginário. Brasília, Textos Universitários, Editora UnB, 1996.

subdividindo as categorias, em outras menores. A leitura se processa no “trajeto antropológico”, onde se dá a simbiose de interior (latência), com o exterior (aspecto patente).<sup>23</sup>

Resumidamente, assim, apresentei o AT-9, que mais detalhado e completo pode ser encontrada sua explicitação, nas obras publicadas do próprio autor, (Y. Durand), nas de Paula Carvalho, nas de Danielle Rocha Pitta e em meus próprios escritos, tese, artigos, pesquisa e comunicações registradas.

### **3. Análise Actancial**

Passo agora a explicitação do Modelo Actancial de Análise proposto pelo autor do teste, e do Diagrama Actancial, com a apresentação concomitante de um dos protocolos do AT-9, aplicados na pesquisa já referida.<sup>24</sup>

Pela dificuldade e novidade por mim encontrada no entendimento do modelo actancial, e pela satisfação de poder, após seu estudo, utilizá-lo na minha pesquisa, é que ousou explicitar um pouco -, do que consegui aprender, orientada direta e pessoalmente pelo criador do teste, professor Y. Durand -, de um dos modelos que utilizei para desvendar a paisagem mental do grupo pesquisado. Considero a heurística culturanalítica (o AT-9), aqui enfocada, incluída nas Metodologias do Complexo e a

---

<sup>23</sup> DURAND, Gilbert. *op. cit.* e DURAND, Yves. *op. cit.*

<sup>24</sup> DURAND, Yves. *op. cit.* e LAHUD, Aïtair *op. cit.*

Análise Actancial como parte destas metodologias que auxilia no traçado, pelas brenhas emaranhadas do desvendamento, do imaginário, do simbólico a ser considerado na multidimensionalidade da complexidade, que pode ajudar na mudança da paradigmática clássica.

Yves Durand debruçando-se sobre os estudos realizados por Greimas, Soriano e Vladimir Propp, se pergunta “o que é um AT-9 estruturado senão um micro-universo mítico qualificável por um motivo temático preciso (heróico, místico etc.) e em torno do qual se ordenam funcionalmente e ou simbolicamente os nove elementos do modelo?” e, desta reflexão, ele propõe definir os actantes como “sistemas de energia dramática potencial”. Estes actantes se organizam em torno de um “nó dramático” estruturado segundo a modalidade relevante da criação do imaginário. O cenário dramático deste nó está ocultado por um “processo de isomorfização”. É bom lembrar aqui a noção de “força de coesão” que “traduz o isomorfismo característico de uma composição efetuada sobre um eixo mítico dado.” Refere-se o criador do teste, ao abordar a “força de coesão”, ao seu “aspecto energético ... a aplicação da energia (mental) a nove elementos, de maneira a atualizar a informação isomorfa e a potencializar a informação estranha ao sistema.”<sup>25</sup>

O AT-9 pode explorar o campo do imaginário descobrindo neste suas diversas forças actanciais operando numa estrutura dada do teste, articuladas uma com as outras funcionalmente. O AT-9, pela análise actancial, descobre, por exemplo, a força que determina, que dá a ordem, ordenadora da trama, registrada semântica e pictoricamente no

---

<sup>25</sup> DURAND, Yves. op. cit. p. 250.

protocolo (actante de princípio). As diversas estruturas podem ser inventariadas porque os diversos registros semânticos fundadores dos pontos de apoio do campo do imaginário, são aptos de se apresentarem (serem mesmo) as forças ordenadoras de estruturação mítica ou, ao contrário, mostrar a diferença na condução da descoberta do regime, potencializando sem desprezar.

Yves Durand fala em “nó polarizador”, Gilbert Durand refere-se a “Schème como trajeto dinâmico de sentido” e Greimas usa a expressão actante; “da mesma forma que os componentes naturais adquirem significação arquetipal, através de um sentido dado pelos schèmes, os componentes dramaturgicos, vividos pelos schèmes, constituem os actantes” . Um actante, portanto, possui uma força dinâmica de antropomorfização do sentido capaz de potencializar uma estrutura de cenário próprio” o que permite a “emergência dramática de um schème dado.”<sup>26</sup>

### 3.1 - Os Pares de Actantes

Os actantes, os campos energéticos do drama, o “nó dramático” estruturado, são, segundo Y. Durand contradizendo-se aos pares, mas de forma concorrente: Actante Matricial e Actante “Individue”- Individuado - ; Actante Atrativo e Actante Evolutivo; Actante “Principiel”- de princípio - e Actante Potencial; Actante Diferencial e Actante Interativo.

#### Primeiro par:

- Actante do Indivíduo ou Individuado: Este actante se desenvolve seja em um dinamismo

---

<sup>26</sup> Idem. p. 252:53

“ascensional”, no seu aspecto positivo, seja numa Kinestesia catamorfã (queda) nas formas negativas (queda do herói). As forças actanciais podem se diferenciar conforme a idéia de vida ou de morte que impregna o discurso, o drama. O “actante indivíduo” é o dinamismo actancial humano.

- Actante Matricial: revela efetivamente as funções e as morfologias conotando seja em simbolismo de proteção de acolhimento (actante matricial positivo) seja, entrosamento, um simbolismo de insegurança e de perigo - tal uma natureza hostil, monstruosa e devorante (actante matricial negativo). Revela a “representação central do espaço”, como refere K. Lorenz; “como contexto situacional onde a ação vai se desenvolver”, diz Y. Durand.

### **Segundo par:**

- Actante de princípio - refere-se ao que ordena a ação; a origem do comando do drama apresentado de uma forma característica e não de outra. Pode ser negativa ou positiva sua expressão. Toda a estrutura do drama, do imaginário se ordena (processo de isomorfização) dependendo do actante de princípio - quer dizer em redor da sua “força de coesão” .

- Actante potencial - É o campo energético que aglutina tudo que se contrapõe, em princípio, com a idéia central de heroísmo ou de aconchego. Tudo o que pode destoar da impressão / percepção / evidência primeira de um Regime - Diurno ou Noturno. Mesmo sendo o drama característico do regime noturno - aconchego ou disseminatório, aparecem ações heroicas e vice-versa; “a biopolaridade fundamental” . É um polo antagonista que existe ao mesmo tempo, simultaneamente ao polo principal, ao “nó” aglutinador/polarizador de princípio.

### **Terceiro par:**

- Actante atrativo - este actante se configura numa conotação simbólica idealizada. É o ponto ou situação, que o sujeito - autor, o personagem, quer atingir, desfrutar. A atração pode ser exercida por um valor: beleza, bem etc. Estes valores podem ser negativos: mal etc. (“o fruto perverso do gênio humano - bomba atômica, dinheiro, etc.”). É o que Y. Durand chama de “sedução negativa”, mas também podem ser positivos.

- Actante evolutivo - é o campo de energia onde se situam as ações efetuadas de forma contínua, ou descontínua, para alcançar ao sonho, ao ideal, o atrativo. Implica a noção de transformação, de não repetitividade e de ciclo, de etapas existenciais conduzindo a um retorno ao ponto de partida, (ao princípio que também atrai). O actante evolutivo “guia a mudança”, influi entre um “ponto  $t$  e um ponto  $t + dt$  de uma dramatização actancial”. Ele “ordena a passagem”.

### **Quarto par:**

- Actante diferencial - é a imagem do casal, do par, da complementaridade funcional de dois compositores: o homem e a mulher quando apresentam a diferença do ser humano. “O actante diferencial exprime a bipolaridade que caracteriza paradoxalmente todo o dinamismo em aparência unificado”. O actante diferencial “é constituído por um par de polaridades, morfologicamente complementares, que envolve, quando positivo, uma direção à vida e, quando negativo, à morte.

- Actante interativo: é o auxiliar, meio de transporte ou de passagem para o herói. Ele “ordena mais especialmente a mudança, a ligação, a comunicação nos universos, sintéticos simbólicos sincrônicos onde o herói é em mediador situado no lugar da comunicação entre

duas vertentes contrárias”. Funciona como uma “ponte entre dois rios; o interativo une dois mundos”; permite os processos de ligação entre dois pólos, na sua forma positiva; na negativa separa e limita.<sup>27</sup>

### 3.2. Operacionalização do Modelo (Actancial)

Ao se analisar e interpretar a dramatização contida em um protocolo do teste AT-9, percebe-se nela as intenções, os direcionamentos (actante atrativo) que evoluem (actante evolutivo) podendo deixar, em potência (actante potencial), aspectos contrários à isomorfização do discurso, ao princípio, o fundamento, o valor expresso subentendido na estória (actante “princípio”). O imaginário do sujeito-autor do teste, projetado no personagem (actante indivíduo) se evidencia, assim como os percalços (actante diferencial) e os auxílios, adjuvantes do drama (actante interativo) conseguidos/encontrados na trajetória estoriada.

Para se efetuar a análise actancial do AT-9, como nos contos de fada, se efetua primeiramente o desdobramento da narrativa dramática em partes, sequencialmente, a partir do título, se houver. Pode acontecer deste título estar registrado no questionário do teste. Desmonta-se a estória, retirando dela, e registrando dela, a ‘SEQUÊNCIA DO DISCURSO’, como exemplifico a seguir com a transcrição de dados do protocolo nº 1, da pesquisa que realizei com idosos em Brasília.

---

<sup>27</sup> Idem.

## Protocolo nº 1

### Idéia central: "os tópicos dados"

#### 3.2 - A) Sequência do discurso

- 1 - Um garoto vivo e alegre saiu a passear no campo.
- 2 - Com sua espada querida – para se defender de qualquer animal - ele sabia que levava sua espada quase como um brinquedo.
- 3 - Dentro do coração tinha força suficiente para qualquer imprevisto.
- 4 - Correr, correu.
- 5 - Caiu de um morro alto e escorregadíssimo.
- 6 - Viu uma casa e começou a cantar por ter encontrado uma casa cheia de flores e pássaros.
- 7 - Apareceu um monstro. Que seria aquele monstro? Real ou Imaginário? (espantalho).
- 8 - O garoto pensou: posso viver, sou forte, preciso livrar-me dele.
- 9 - Preciso voltar ao seio dos meus amigos que tanto amo; vou ajudá-los e preveni-los do que vi, para eles se livrarem.
- 10 - Sem ser visto, correu e avistou uma flor rosa desabrochando, movendo-se de um lado para outro, como quem agradece a Deus por ter vida, respirar e dar alegria aos que por ela passam.
- 11 - O rio claro e os peixinhos dourados dansavam, derramando luz pelo esplendor do sol.

12 - O garoto viu tudo isto e saiu alegre cantando e agradecendo a Deus por ser gente.<sup>126</sup>

A seguir procede-se o levantamento, o INVENTÁRIO DOS COMPONENTES DO DISCURSO<sup>26</sup> (dinamismo actanciais) relacionando-os aos nove elementos dados no teste. Neste inventário não se desprezam nenhuma fonte de informação do teste; recolhe-se indistintamente a informação existente no desenho, no discurso, no questionário ou no quadro, nas três colunas (representação, função e simbolismo), como no quadro a seguir, que contém dados do protocolo nº 1 da pesquisa com idosos em Brasília.

---

<sup>26</sup>. LAHUD, Altair Macedo. *Imagens da Vida e da Morte...* op. cit. p. 485

Quadro Resumo das Representações, Funções e Simbolismos atribuídos aos nove elementos do teste – Protocolo nº 1.<sup>29</sup>

Nº DE IDENTIFICAÇÃO: 1 IDADE: 63 ANOS

DATA:

1989

| ELEMENTO   | REPRESENTAÇÃO  | FUNÇÃO                          | SIMBOLISMO              |
|------------|----------------|---------------------------------|-------------------------|
| QUEDA      | Caindo do moro | Correr                          | Não crescimento         |
| ESPADA     | Espada         | Defender                        | Defesa                  |
| REFÚGIO    | Casa           | Esconder                        | Coração (dar e receber) |
| MONSTRO    | Monstro        | Maldade                         | Maldade                 |
| EL-CÍCLICO | Estrada        | (Visão de Mundo)                | Movimento               |
| PERSONAGEM | Garoto         | Ver o mundo; aprender e ensinar | Amor e alegria          |
| ÁGUA       | Lago           | Alegria                         | Luz e verdade           |
| ANIMAL     | Peixe          | Luz                             | Amizade e carinho       |
| FOGO       | Fogueira       | Aquecimento                     | Aquecimento             |

<sup>29</sup>- LAHUD, Altair. *Imagens da Vida e da Morte. Um Estudo Simbólico Organizacional com Idosos*. Brasília, 1995. mimeo. p.

Os dados do questionário do teste contidos no protocolo nº 1, transcritos abaixo, auxiliam, também, na análise interpretativa do micro-universo mítico no protocolo apresentado.<sup>30</sup> assim como o desenho.

#### **QUESTIONÁRIO CONTIDO NO AT-9: Protocolo nº 1**

A- Sobre que idéia você concentrou sua composição? "Nos tópicos dados."

B- Você foi eventualmente inspirado? Através de que(leitura, filme, etc.)? "sim, livros".

C- Entre os nove elementos, do texto da sua composição, indique: 1- Os elementos essenciais em torno dos quais você construiu o desenho." 2- Os elementos que você teria vontade de eliminar, por quê? "O monstro. Não gosto de agressividade, terror, maldade."

D- Como acaba a cena que você imaginou? "O garoto alegre por voltar para casa."

E- Se você tivesse que participar da cena composta, onde você estaria? O que você faria?  
"No lugar do garoto. Com alegria, para transmitir aos seus amigos."

### **3.2 - B) Inventário do discurso (dinamismos actanciais) -**

#### **Protocolo nº 1**

1. Personagem: o garoto - vive alegre/com força no coração: (se projeta no garoto e na flor) ver o mundo/aprender/transmitir - amor/alegria.
2. Queda: do garoto – para correr simbolizando não crescimento.

3. Espada: quase um brinquedo/defesa contra qualquer animal.
4. Monstro: real ou imaginário? Desenho de espantalho.
5. Cíclico: estrada: correu, movimento para chegar ao fim desejado.
6. Refúgio: uma casa com flores e pássaros.
7. Água: rio - (lago no desenho e questionário).
8. Animal: peixe - luz - amizade - carinho.
9. Fogo: não representado na história; fogueira no desenho para aquecimento do garoto (questionário).

Final do discurso: a flor agradece a Deus por ter vida. Actante de Princípio: garoto agradece a Deus por ser gente.

Após estas ações, identifica-se a “DETERMINAÇÃO DAS DEPENDÊNCIAS ACTANCIAIS DOS DIVERSOS COMPONENTES”, quando já se pode perceber a conotação negativa, com idéia de Morte ou positiva, com idéia de Vida dos dinamismos actanciais.

No protocolo nº 1 encontra-se:

### **3.2 - C - Determinação da Dependência Actancial dos Diversos Componentes.**

#### **Primeiro Par:**

1 - Actante "indivíduo" - Individuado - : o dinamismo actancial humano - o garoto não se opõe a Vida - tem por função se opor à Morte. O garoto é vivo/alegre e quer avisar aos amigos do perigo/viver/agradecer a Deus - actante "principiel" positivo. De

um outro ângulo, podemos lembrar que o garoto é só um espectador, impotente, que não mata o monstro, que foge; mas parece conseguir o que quer.

2 - Actante Matricial: a) Positivo: - com um garoto alegre, feliz, com força no coração, querendo ajudar; - com a casa cheia de flores e pássaros; - até mesmo com a espada, quase um brinquedo; - com o monstro, “talvez imaginário”; - com o animal, o peixe (a amizade/luz/carinho); - com a água (“alegria/luz/verdade”); - com a “flor rosa (movimentando-se/agradecendo a Deus/dando alegria a quem por ela passa)”; - com o fogo (no desenho e no questionário) para aquecer e - com a estrada (cíclico) que leva ao fim buscado. Procura a inclusão da paz e da harmonia - “continente”. b) Negativo: queda do morro escorregadio (“não crescimento”). Simbolicamente, o actante matricial se definiu, permitindo/ aceitando/preservando a Vida - Positivo - refugio. O papel negativo é representado apenas pela queda e talvez pelo monstro - Morte, que não chegam a comprometer o cenário místico de “inclusão”. O refugio é o que ele busca: “a casa, o seio dos amigos”.

### Segundo Par:

3 - Actante "Principiel" - de princípio: a fê do garoto, a força no coração comandam o espetáculo dramático criado/registrado neste protocolo, no seu aspecto positivo. No aspecto negativo, poderíamos forçadamente incluir a antropomorfia do monstro, desenhado como um homem.<sup>31</sup>

4 - Actante Potencial: espada - preparação para defesa do próximo; não

---

<sup>31</sup>. "Sentido Funcional?" - Cf. Y DURAND, op. cit, p. 268.

usada na história - "quase um brinquedo querido." O monstro aparece como um perigo potencial: não chega a atacar - só assusta. O aspecto heróico, destoa da dramatização mística - está potencializado.

### **Terceiro Par:**

5 - **Actante Atrativo:** há muito de vida (**positivo**); intercalada está a morte (**negativo**) - queda (monstro) -mas a ação é sempre positiva para chegar ao fim desejado: salvar, avisar, ajudar aos amigos. A flor, que dá alegria aos que por ela passam", atrai nela o personagem que nela se projeta. Quer chegar ao seio dos amigos, ao refúgio, (o aconchego, a casa - a inclusão) - Místico. Convém lembrar que o sujeito-autor é um velho e talvez estes amigos já estejam mortos; a morte como refúgio de paz e aconchego.

6 - **Actante Evolutivo:** o garoto está alegre, cai, corre, para ver a flor. Passa do **positivo** ao **negativo**, mas retorna ao **positivo**; se movimenta da alegria ao medo/preocupação e vai à beleza e bênção divina (princípio valorativo de fê da estória). Projeção sobre a flor que parece agradecer a Deus e dar alegria a quem por ela passa. O movimento da "flor" - **positivo**. Consciência da necessidade da ação **positiva**. A estrada (evolutiva) que o leva ao fim desejado - movimento cíclico. A história se centra neste movimento de evolução ascendente - positivo. No aspecto **negativo**, desta zona actancial, está o monstro. (quicá apenas imaginário).

### **Quarto Par**

7 - **Actante Diferencial:** não existe na história o "par", o casal - a não ser a expectativa de chegar ao "grupo" de amigos, "voltar ao seio dos meus amigos." O monstro está figurado como talvez imaginário. Não opõe/perturba.

8 - **Actante Interativo**: de forma **positiva** há a interação entre o garoto, a estrada, a força, o fogo, a beleza, a flor, o desejo de socorrer. Entre o personagem, o cíclico, o refúgio, o amor: há **inclusão**; o personagem se refugia, se reforça, nos elementos positivos, para ter força e conseguir chegar aos amigos (**atrativo**).

A seguir procede-se a “ANÁLISE DOS ACTANTES”, tomando ainda para elucidação o Protocolo nº 1.

### 3.2 - D - Análise dos Actantes

“Os diferentes dinamismos actanciais estão mencionados sobre o diagrama, para determinar as particularidades morfológicas funcionais e simbólicas dos actantes”.<sup>32</sup>

1 - **Actante "Individuê"** - individuado: processo defensivo, apto a fazer face à angústia e a representação do medo - ação impulsionada pelo medo, em direção à atitude positiva de ajuda, de proteção. No braço uma espada (quase um brinquedo) sem finalidade na história - na dramatização - simbolizando a possibilidade de defender o próximo. O garoto procura uma solução: fuga e aviso aos outros. Ele não luta, se refugia primeiro, despista o monstro e corre pela estrada (cíclico) para chegar ao objetivo final: voltar ao seio dos amigos, avisá-los do perigo - **Positivo**.

2 - **Actante Matricial**: “Constitui um pilar clavado (positivo e negativo) do imaginário, do sujeito”.<sup>33</sup> No protocolo nº 1, aparece como um lugar de fundo místico, com potenciais heróicos - espada e monstro. Atesta, em primeiro lugar, um fundo místico de

---

<sup>32</sup>- *Idem*, p. 322.

<sup>33</sup>- *Idem*, p. 313.

segurança, encontrado na casa/ refugio cheia de flores e pássaros, representando o amor, simbolicamente - metáfora protetora. A matriz da história, o cenário e a ação são positivos, místicos, com uma potência heróica - sugerindo uma estrutura antropológica do tipo "místico impuro".

3 - **Actante de Princípio:** é Deus - a força divina - fé; a fuga é para o aviso aos amigos. Negativo/positivo. O garoto primeiro se assusta e foge para se esconder no refúgio/casa com flores e pássaros. (Negativo/positivo). Poder no coração - **Positivo/vida** - e a seguir, age correndo para avisar aos amigos - **Positivo**. Agradece a Deus - confia em Deus - Fé.

4 - **Actante Potencial:** o monstro e a espada figuram como elementos potenciais, para um universo mítico heróico que não se atualiza. Passa o monstro a ser positivo, na medida em que impulsiona a ação positiva, apesar de sua função, dita no questionário, ser de "maldade", assim como seu simbolismo. A espada apenas figura no braço, como quase um brinquedo, não chega a se atualizar

na história, e na coluna "B do quadro" do teste aparece com função de defesa do próximo, de preparação, presença. O animal, a água e o fogo completam o cenário místico.

5 - **Actante Atrativo:** é avisar aos amigos - fugir do monstro - viver protegido, alegre e feliz agradecendo à Deus - **positivo**. A morte representada pelo monstro não chega a atrair mas sim a impulsionar a ação para o positivo - faz pensar, reagir, fugir, amar, ver a beleza, socorrer, proteger - É um cenário de inclusão - Místico.

6 - **Actante Evolutivo:** este actante é a ação sobre a qual está organizada a dramatização desenvolvida pelo autor deste protocolo. O ciclo vida/morte aparece na

situação de alegria inicial, queda intercalada com o susto e refúgio na casa com um final feliz - avisar os amigos. A pessoa humana aqui, o garoto, está simbolicamente realizando a evolução natural da vida com objetivo definido. *Existem os dados potenciais de perigo - (de morte), negativo - mas a história se desenvolve sobre o eixo místico - sobre uma evolução própria do homem mas também coloca a evolução (cíclica) do reino vegetal - a flor que desabrocha para se tornar plena de potencial dádivo.*

**7 - Actante Diferencial:** o garoto não chega a formar com a flor um par positivo. Eles formam, simbolicamente, um quadro de vida. *Integra-se simbolicamente, a um contexto de vida; há uma sincronia. A flor se inclui, ela entra no cenário, quase como autora, assemelhando-se ao garoto que nela se projeta (interativo)*

**8 - Actante Interativo:** as polaridades místicas se integram, através do refúgio, da casa cheia de flores e pássaros, de onde o garoto sai reconfortado, cheio de energia para continuar - positivo. Lá chegou assustado, fugindo do monstro - negativo - reage para ajudar, prevenir e livrar a todos do monstro - perigo.

*Zona central do diagrama: aqui se localizam as mudanças tidas pela maneira de ser do garoto: vida/morte/vida.*

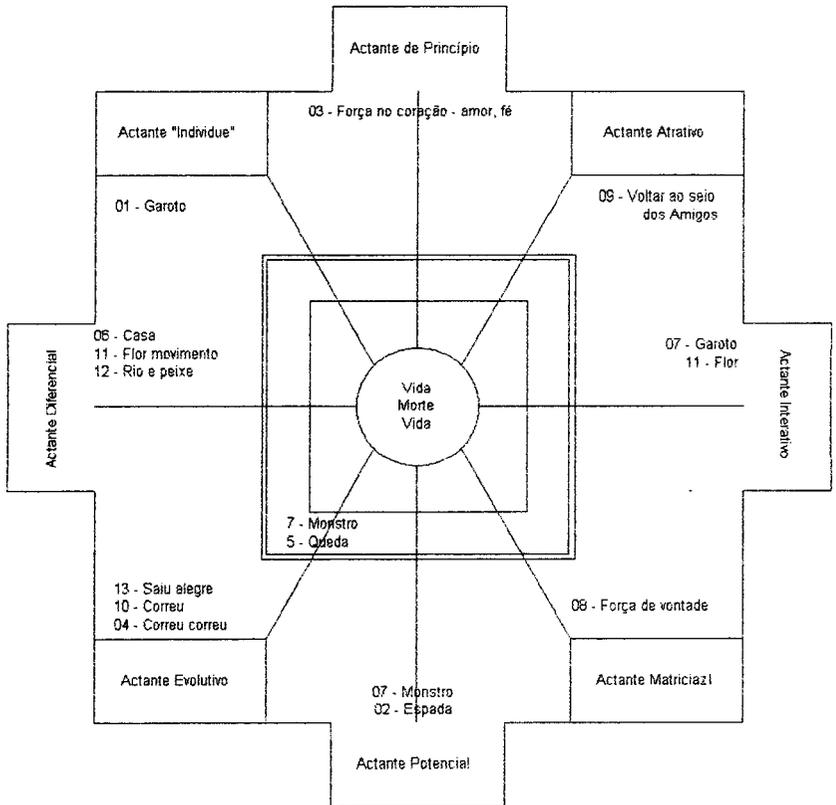
Procede-se então a “INTERPRETAÇÃO DO MODELO” e aí entra o auxílio do Diagrama Actancial – gráfico utilizado para facilitar a visualização das correspondências actanciais dos componentes do Teste At-9. O diagrama actancial é uma representação dos diversos actantes com suas articulações – como se vê, na transcrição da sua forma, abaixo, preenchido com os dados do Protocolo nº 1 da pesquisa.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> DURAND, Yves. op. cit.

## Diagrama Actancial

Protocolo nº 01. Idade: 63 anos; Sexo: Feminino; Instrução: Nível Superior



Classificação do Universo Místico: Místico Impuro

Com o auxílio do Diagrama Actancial<sup>35</sup> visualiza-se então: a “EMERGÊNCIA E ARTICULAÇÕES DRAMÁTICAS”.

No diagrama actancial, gráfico auxiliar na explicitação do movimento do drama, em suas etapas evolutivas para atingir o ideal buscado/sonhado, pelo personagem, criado, na estória, pelo sujeito-autor do teste, vê-se em cada um dos quatro cantos/ângulos do quadro/gráfico/diagrama, localizados: em um deles, o “actante evolutivo” e, em diagonal, no canto oposto situa-se o “Actante Atrativo”; em um terceiro canto está o “Actante Matricial” que, diagonalmente, se defronta com o “Actante Individuê” localizado no quarto canto. No meio da linha inferior do quadro, na sua base, está o “Actante Potencial, onde se registrarão as ações sub-entendidas de outro regime ou classe; na linha superior, oposta à descrita potencial, localiza-se o “Actante de Princípio”. Nas laterais do gráfico/quadro estão localizadas, de um lado o “Actante Diferencial” (par, casal) e do outro o “Actante Interativo”(auxílio). No centro do gráfico está o círculo com a idéia da Vida e da Morte.

Existe no Diagrama a zona positiva, mais próxima às linhas externas que contornam esquadrinhando o gráfico e, uma zona negativa, circundando o centro do diagrama. Numeradas as partes, as ações, retiradas do discurso, agora identificadas por estes números, é possível colocar sobre o Diagrama os números correspondentes às partes do discurso. Conforme estas frases, ações (partes) expressem vida ou Morte, sentimentos, imaginário positivo ou negativo os números são registrados na correspondente zona positiva ou negativa do diagrama.

Mais uma vez remeto ao Protocolo nº 1.

### **3.2 - E - Interpretação do modelo - (protocolo nº 1)**

a) - Emergências e articulações dramáticas.

O actante evolutivo está articulado sobre uma mitologia do tipo místico, com a integração de dados históricos próprios do homem, aptos a mostrar as etapas de sua evolução ou fases de sua existência: *passa, cai, levanta, corre, foge, se esconde, se fortifica, observa a flor, agradece a Deus e ajuda. Chega ao fim desejado: retorna à casa-refúgio; o que se confirma pela estruturação da dramatização, contendo a representação relativa aos valores positivos, especificamente humanos e divinos.*

Nesta visão do mundo, é evidente a transformação de si mesmo, por estágios, indo ao ideal humano, apto a dar conta da existência dos valores atrativos (final do conto - bem, positivo) e repulsivos (monstro - mal negativo). O eu evolutivo é aberto aos objetivos, ao ideal (ajuda aos outros, amor - positivo/vida).

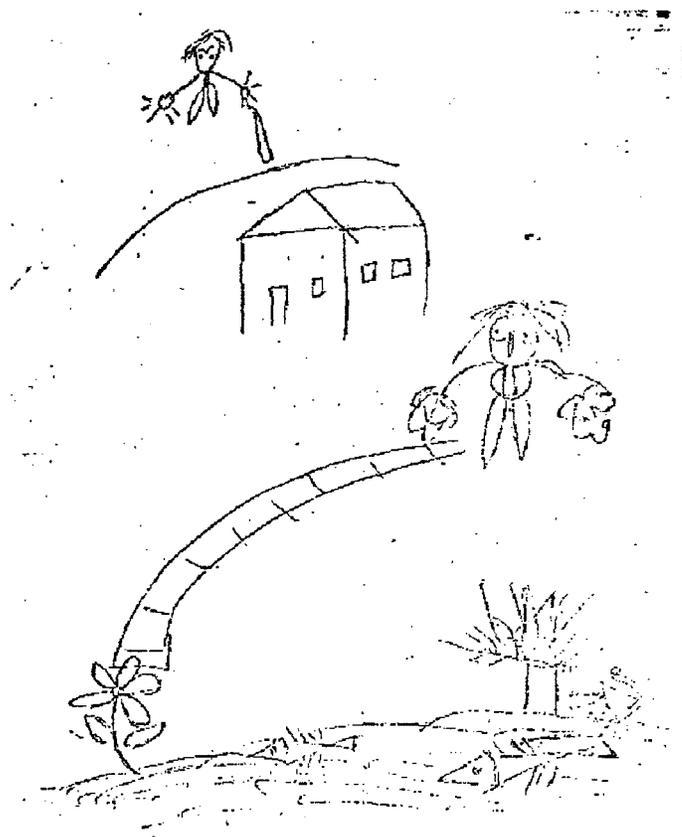
A espiral, caracterizando o par actante evolutivo/actante atrativo, se desenvolve nesta história. O garoto evolui, vê a flor, toma coragem e segue em frente para concluir a "história", ajudar aos amigos. O actante "indivíduo" exclui o monstro, foge dele, disfarça e passa sem ser visto. O mal mortífero (monstro) não tem, na história, um papel principal. O personagem assume a definição pela vida.

O que ajuda o garoto é a sua fé, a sua força de vontade, o amor pelos outros, que repelem assim o problema, o monstro; descarta o negativo, a morte.

Assim, o actante mabicial (fundo místico - positivo neste protocolo) ajuda o

actante "indivíduo" a evoluir (actante evolutivo) e chegar ao final feliz (actante atrativo) eliminando o aspecto negativo (monstro). O par actante evolutivo/actante atrativo se realiza. O herói (o actante indivíduo) está apto a subtender o cenário, para a eliminação (desconsideração) do negativo. O eu herói está estruturado, apenas potencialmente, de forma positiva. O actante matricial contribui, através da sua polaridade positiva, ao cenário de luta, força de vontade (heróico/místico).

O personagem aparece desenhado em duas situações, em duas posições: na parte superior da folha, aparece, verticalmente, separado do resto do cenário por uma linha; na parte inferior, no canto inferior direito da folha, é desenhado horizontalmente (queda), no desenho abaixo.



No centro da folha é colocada a estrada, elemento cíclico, com o monstro numa das extremidades (perigo, morte - angústia potencial dificultando a evolução) - o que poderia remeter ao disseminatório.

O tempo é considerado, no seu movimento, como auxiliar na solução do problema. O garoto se reforça, ao ver a flor e, simbolicamente, lembra da fé e da força, para chegar ao destino - amigos - o que leva à idéia de vida, atração pelo místico e aconchego. A espada é quase um brinquedo, e o monstro pode ser somente fruto da imaginação - "real ou imaginário?"

A tônica do discurso é a busca do aconchego, da amizade, (voltar ao seio dos amigos) e o discurso se desenrola no aspecto místico, sem luta atualizada e com um perigo potencializado.

Personagem e refúgio são o ponto central; apesar da criada suposta necessidade de combater um monstro, talvez inexistente, e que o personagem despista, passa ao largo.

A estória evolui (ao atrativo: destino), sendo reforçado o personagem pela ação interativa. A força no coração (amor e fé), zona actancial "princípiel", comanda a dramatização com a espada potencializada, sem uso, e a zona actancial, "individué", se completa na zona matricial, pela força de vontade do personagem o qual se projeta num garoto e, quiçá, na flor.

Dados recolhidos no momento da aplicação do teste.

O sujeito-autor, desta dramatização, uma mulher vive aposentada, em sua própria casa, cuidando de sua mãe já com mais de 80 anos, e relatou o fato de já ter morado com sobrinhos, uma vez que é divorciada e não tem filhos. Comentou de passagem a desilusão amorosa sem dar a esta grande importância e demonstrou sempre, na sua fala, muita alegria e vontade de viver - (despista o monstro). Luta pela vida, na busca da tranqüilidade, do amor, pronta, a socorrer e ajudar aos familiares - não se sente só.

Chega-se assim a evidência dos PROCESSOS ESTRUTURAIS levantados no protocolo nº 1 do teste.

#### **b) Processos estruturais:**

Pelos actantes encontrados, expressos no discurso, chegamos aos schémes arquetípicos, encontrando aí uma "força de coesão" mística, que agrega quase que a totalidade dos elementos, potencializando os elementos estranhos ao cenário: a espada e o monstro; o monstro pode também ser considerado como actante evolutivo, no seu aspecto negativo. Talvez não seja forçar demais a evidência positiva deste universo mítico, dizer que o monstro pode estar, também, representado na zona actancial interativa positiva, uma vez que sua inclusão na estória desperta a ação positiva do personagem que o despista e segue ao atrativo.

O imaginário, aqui se estrutura num processo que mistura o místico e o heróico; parece não haver repouso, equilíbrio, nem harmonia (místico impuro ou sintético?)

O refúgio aqui é inicialmente um lugar de repouso, mas, após, passa a ser uma proteção contra um perigo iminente e é ameaçado.

O monstro e a espada são elementos difíceis de localizar, de se integrar na dramatização, estão potencializados, formam a heterogeneidade no universo mítico - a impureza do regime noturno. Os nove elementos do teste não se integraram todos, funcionalmente, ao tema místico; apresentam, monstro e espada, "dificuldade de formar uma constelação simbólica, perfeitamente isomorfa".<sup>36</sup> A angústia se expressa na figura

---

<sup>34</sup>- DURAN, Yves, op. cit. p. 92.

desenhado e dita do monstro, que não ataca, e além do não ataque do monstro, existe a certeza da "força no coração" para vencer. A espada no braço, quase um brinquedo, conduz, na sua análise no teste, a não heroicidade no micro-universo mítico registrado no protocolo.

Classificamos assim o micro-universo como Místico Impuro onde o quadro heróico aparece potencializado.

#### **4. Reflexos da teoria e do método na educação.**

A característica cristalizada das organizações, também da educação, resultam da não trajetorialidade, da não consideração da "conversa" entre os dois pólos; quer dizer, entre o interior ativo e o exterior dinâmico. O prestigiado vem sendo a "pressão do meio cósmico e social", o externo.

Para viabilizar a questão antropolítica em seus aspectos organizacionais e educativos é preciso a consideração moriniana da complexidade e durandiana do imaginário, a consideração das pulsões do interior e das intimações do exterior.

A culturálise propõe a "ponte" entre os pólos e a ação "interpólos"; torna viável considerando a característica de negação da entropia no humano – da neguentropia –, as conversões do imaginário ao real e do real ao imaginário. Por ela, como apresentei acima, consegui desvendar o imaginário do grupo pesquisado.

Evocada assim, pela culturálise, a existência de pólos complementares na cultura – o latente –, lembrada a noção de "trajeto antropológico" (como simbiose entre estes pólos) e aceita a complexidade (como integradora das exclusões, dos ruídos e erros

da máquina natural, passíveis de se integrarem ao sistema vivo, que por eles se regenera) continuando no eixo que perpassa esta fala (colocados na sua introdução) chego às conseqüências de tudo isto, refletidas na organização da educação.

“As práticas simbólicas” mediam “o processo simbólico-organizacional”, organizando “a socialidade dos grupos”, as relações dos seres humanos (entre si), que além de caracterizarem-se como indivíduos, tem seu papel social na complexidade inerente à dinâmica da sociedade e da cultura que os contextualiza. Eis aí a aconselhada “pedagogia da escuta” e visão da educação como sistema “fático”<sup>37</sup> Eis o valor da observação registrada do cotidiano na educação e na cultura numa antropolítica alterativa hipercomplexa. Eis aí as bases para o questionamento do “dever ser”; a permissão da transgressão e insurgência às imposições predeterminadas aculturadoras, refletidas no “furor pedagógico” pela “gestão do psiquismo”, que reforça o clássico reducionismo, o qual retarda, impedindo, a paradigmática integradora do todo (holos) complementar, não excludente, dos vários ângulos que formam o caleidoscópico hipercomplexo da dinâmica organizacional instituinte da educação como sistema vivo.

O homem se faz de várias dimensões. É preciso considerá-las todas e o seu imaginário, encontrado, como explicitiei acima no exemplo do protocolo do teste AT-9 precisa reforçar o quadro no encaminhamento da solução do seu “enigma”.

**“Demasiados homens, neste século de ‘esclarecimento’ vêm-se usurpados do seu imprescindível direito ao luxo noturno da fantasia; um humanismo planetário não se pode fundar sobre a exclusiva conquista da ciência, mas sim, sobre o consentimento**

---

<sup>37</sup>. PAULA CARVALHO, J. C. de. op. cit. pp. 71:72.

**e a comunhão arquetipal das almas”<sup>38</sup>.**

A necessária reforma da organização da educação se dará segundo Morin, “aprendendo a religar... estabelecendo uma ligação entre as ciências” sem colocar seus estudos em espaços limitados e estanques, que não se comunicam na decodificação precisa de seus códigos específicos, explicitando suas mutantes interfases, o que condiciona a redução, a simplificação e o distanciamento da busca da solução do “enigma do homem” e da angústia original. É preciso transitar na complexidade da vida e das organizações, notadamente aqui me refiro ao complexo da organização educacional, do processo de ensino – aprendizagem, da formação de valores, da capacitação técnica e da criatividade sem esquecer, ou tendo presente, a possibilidade do erro como indutor da Vida, de regeneração; a capacidade de auto-organização. Organização do Sistema Educacional, Educação, Complexo Escolar: Organização de um Sistema Vivo.

## **5. Resumo crítico**

O que critico é o “fechado”, o entrópico, a morte; critico as funcionalidades burocráticas e sua parametrização semelhante a corredor de matadouro, advindo da conjuntura política e das injunções da “razão técnica”, da racionalidade objetiva pura e a decorrente harmonia externa forjada, construída -- a entropia da Organização tendente apenas ao lucro e a produção que extirpa o diferente, como “bananeira que já deu cacho”.

Critico a perda do sentido e da visão da beleza que o processo pode conter.

---

<sup>38</sup>- DURAND, G. op. cit. pp. 295:296.

A perda da “Vida” nas organizações com a morte entrópica precoce triunfando sem o cuidado com a dinâmica complexa da situação vital, que modifica, altera, descontinua, recomeça, renasce – “regenera” – a organização da educação, na sua complexidade. É a organização viva e natural, não artificial.

**Altair Macedo Lahud Loureiro**

**UnB - Brasília-DF**

**O PRECONCEITO RACIAL E A EDUCAÇÃO:  
O Caso Maria Faustina**

**Maria Amélia Teles**

## “COMUNICAÇÃO”

### IX CICLO DE ESTUDOS SOBRE O IMAGINÁRIO *Imaginário e Complexidade*

Período: 30, 31/10 a 01/11/96 - Universidade Federal de Pernambuco

**Tema:** “*O Preconceito Racial e a Educação: O Caso Maria Faustina*” (extrato da Tese de Mestrado, em preparação)

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Altair Macedo Lahud Loureiro

**Mestranda:** *Maria Amélia Teles (PAD/FE/UnB)*

Nossa fala, neste curto espaço, consistirá simplesmente em transmitir uma convicção que ganha foros de cidadania: se na primeira metade deste século os estudos humanísticos centravam-se na linguagem, agora as atenções se voltam para o imaginário. E Claude-Gilbert Dubois nos adverte: “toda pesquisa científica é ao mesmo tempo estimulada e subvertida (1) pelo imaginário ∅”.

Ao iniciar o meu trabalho de tese sobre “Preconceito Racial e a Educação”, percebi que a concepção cartesiana e positivista, com sua lógica geométrica, que se encontra em crise, produziu também em mim o que Habermas denominou “o esgotamento das energias utópicas”, ou o “cansaço” quanto às posições ditas progressivas e liberais da sociedade: fiquei em crise. O desejo, que é parte integrante do conhecimento, como nos lembra Hobbes, produziu em mim uma espécie de paixão, uma inquietação, uma tendência que me impelia na direção de um objeto, acompanhada de prazer e desprazer. Assim, o julgamento, a reflexão, os desejos, as paixões impeliavam-me para a “coisa” da qual sentia necessidade ... e pus-me a recordar, comparar, julgar, discernir, imaginar ... E ao “surpreender-me”, percebi que buscar caminhos no processo de pesquisa representa apenas diferentes maneiras de estar atento; que ter paixões, amar, esperar, temer e querer

são apenas diferentes maneiras de “descobrir”, e que enfim estar atento e desejar, outra coisa não são, na sua origem, mais do que formas de sentir, abertura de horizontes para um saber novo. É a fecundidade do imaginário. As idéias se associam, se amalgamam, se atraem, se repelem, em função das necessidades das quais se originaram, e que provocam “turbilhões”, relacionando-se entre si de formas múltiplas. Assim, a necessidade atrai nossa atenção para um objeto; o indivíduo dirige sobre ele o seu interesse, que lança uma luz, projetando-se ao longe, como um archote. E assim, as idéias renascem sob a ação das mesmas necessidades que as produziram. E na via do imaginário, encontrei-me com *Maria Faustina*, personagem que encarna um episódio simples e bastante comum na vida brasileira. Ele nos dá uma amostra de tantos aspectos incorporados de racismo, ativos ou passivos, que podem ocultar-se sob as aparências de uma cena inocente e até carinhosa. Escolhemos esse episódio como motivo inspirador do presente estudo.

Trata-se de uma história-experiência, vivida no contexto de uma família mineira numerosa, em cidade do interior, habituada a receber homens importantes da cidade grande. O extraordinário privilégio era ter ali em casa *Maria Faustina* - a babá - negra que conseguia “esconder-se” pela simpatia estampada no largo sorriso. E tão verdade era isso, que sempre foi apresentada às personalidades ilustres, com especial destaque: “Esta, doutor, é a nossa preta de alma branca.” E debulhavam-se elogios de toda ordem, através de perguntas e explicações muitas vezes repetidas e saboreadas: sua capacidade de vigília, quando alguém adoecia; o cuidado com a casa; o amor aos “filhos”; a honestidade a toda prova; o incansável “Sim, senhor!” Até que a primeira dama-hóspede, elegantemente vestida, e exalando perfume de gente da capital, não se continha, e dizia: “Me dá esta preta, Preta ☉? ... preta assim eu quero ter!” E mais uma vez, o rosto de *Maria Faustina*, era só dente, alvo como algodão. “Com licença, senhor, vou cuidar da obrigação.”

Certamente, essa história faz parte da vida de muita gente, de muitos brasileiros. No imaginário, contudo, adquire características de pano de fundo na busca de um saber das coisas e não apenas “sobre as coisas”, pois, embora fartos de informações sobre a questão da discriminação e preconceito raciais, poderíamos indagar-nos, perplexos, se a Lei Áurea, abolindo a escravidão no país, entre aplausos, fogos, cantorias e grandes festejos

comemorativos daquele evento histórico, não foi afinal apenas um mito, um símbolo, um rito? A partir dessas questões, o tema por nós escolhido envolve uma trama social com diferentes tipos de linguagem, e o discurso vai comprometer-nos com textos imagéticos, iconográficos, impressos, orais e gestuais, no resgate do heterogêneo. As obras de autores brasileiros e estrangeiros serviram-nos de guia no exame da questão do racismo (3), com particular atenção para os cruzamentos que oferecem com a teoria do Imaginário, de Gilbert Durand. Concomitantemente, julgamos de grande proveito para o nosso estudo utilizar a pesquisa da “Folha de São Paulo” e do “Instituto DataFolha”, em 1995, em que se nos apresenta, de certa forma, uma radiografia da “democracia racial” (4) brasileira, onde brancos, negros, pardos e outros compartilham das mesmas convicções e fantasias quanto à assim chamada “democracia racial”.

É na classificação de G. Durand (Místico, Heróico, Sintético ou Disseminatório) que procuramos configurar a paisagem mental do grupo que conviveu com *Maria Faustina*, através de uma visão de mundo que se expressa no pensar, sentir e agir, no material fichado, depoimentos, história de vida, como expressão da cultura patente, emergente e latente. A relação homem-sociedade-mundo, a partir das mediações simbólicas, nos permitiu mapear a cultura do grupo, pensar seus “desejos”, traçar sua “paisagem mental” (5), evidenciando seus pontos críticos, amarras e “nós”, identificando ritos e gestos, conhecendo seu espaço social e seu tempo.

No capítulo que intitula Representação Mental do Grupo, em que procuro identificar tal representação, a metodologia escolhida foi de caráter menos quantitativo e mais qualitativo. Objetivou-se, antes de mais nada, reconhecer as formas explícitas, ou não, de discriminação e preconceito entre negros e brancos no Brasil e sua articulação com o imaginário, a partir de dados primários, como a história de vida da negra *Maria Faustina*, juntamente com o depoimento dos que receberam a influência direta dessa Babá, os quais nos apresentam o “cordial” convívio com uma negra, permitindo-nos surpreender o imaginário do grupo que com ela conviveu, em um universo restrito. Foi intencional a decisão de trabalhar a presente pesquisa, substituindo-se os grandes números e as grandes

populações por alguns indivíduos. Mas, caso perdeu-se na abrangência e na generalização dos resultados, ganhou-se na verticalidade analítica, na profundidade. Assim, a partir do estudo de caso, da história de vida da negra *Maria Faustina* e aspectos da realidade pesquisada, poder-se-á identificar o “trajeto antropológico” do grupo no contexto mais imediato e cotidiano. Enfatizamos a postura assumida de que este trabalho não é estudo “sobre” o imaginário de grupo que conviveu com o elemento negro, mas uma pesquisa que se propõe encontrar, na subjacência dos relatos desse grupo, e através da bibliografia de autores nacionais e estrangeiros, bem como nos estudos estatísticos do DataFolha (o que denominamos dados secundários), a “bateia” do processo de garimpagem dos símbolos que presidem a nossa forma de racismo. O registro de cada depoimento foi a captação do simbólico, que mediante a “bateia” se depura e se segrega; importa, portanto, o que foi ouvido, segundo a época, o contexto social e outras injunções: faixa etária, sexo, nível cultural, profissão. Muitos aspectos foram revividos e reesquemmatizados. Assim, os relatos foram formulados pelo imaginário no seu aspecto patente e latente, no “trajeto antropológico” do grupo que aglutina as imagens em torno de si - é o “nó”, o simbólico que dá corpo à fala, às histórias individuais desse grupo que conviveu com *Maria Faustina*, e que trouxe à tona informações da maior relevância. Os componentes do grupo-depoente estão distribuídos na faixa etária de 39 a 60 anos, sendo cinco de sexo masculino e oito de sexo feminino, com nível de formação de médio a superior, vida profissional definida.

Constatamos que as desvantagens do depoimento, com direcionamento para o subjetivo, isto é, que não reportassem a dados do real, mas sim à percepção do real, ficaram minimizados, porquanto possibilitaram até mesmo o registro de “elementos não verbais do comportamento: silêncios, mímicas, hesitações, emoções, bem como risos e falhas de memória.” (Cf. THIOLENT, Michelat).

Assim, em cada depoimento, no vaivém da “bateia”, identificamos práticas simbólicas do grupo que expressam uma paisagem mental, um modo de pensar - “outillage mental” - que objetivou o conhecimento do imaginário do grupo, através de suas

representações imagético-simbólicas, com identificação dos “nós aglutinadores” (centros polarizadores) dessas representações simbólicas, permitindo-nos a caracterização do grupo, segundo as estruturas antropológicas do imaginário, no conceito de Gilbert Durand.

É no imaginário, como arma que faz o homem transcender a sua finitude, detectando as imagens da vida e suas contradições, que indicaremos os vectores para a superação do “racismo cordial”  $\otimes$ . Em cada depoimento individual, onde se desenha o universo simbólico do grupo, será possível identificar o tipo de estrutura  $\otimes$ , que polariza as imagens coletivas, enquadrando-as e distribuindo-as, então, conforme a classificação durandiana, nos regimes diurno (esquizomorfo/heróico) ou noturno (antifráscico/místico ou sintético/Disseminatório) e a idéia de Vida e de Morte, contidas no imaginário do grupo.

Na análise dos depoimentos e da história de vida, que nos dão a paisagem mental do grupo, com expressão de luta e aconchego, é que a trama metodológica receberá a classificação de heróico, místico ou sintético, o que identifica um modo de “pensar, sentir e agir”, caracterizado pela ação dos contrários (esquizomorfo e antifráscico) ou uma simbiose denominada sintética - o trajeto simbiótico entre o heróico e o místico.

Desenhada a paisagem mental do grupo, certamente haveremos de concluir que a sutileza da ideologia racista no imaginário da sociedade brasileira impede que seus integrantes observem e reajam conscientemente a fenômenos que bailam em suas cabeças e vidas, negativa ou positivamente, fazendo-os crer que não há o problema, reforçando, na “realidade arquetipal” <sup>(10)</sup> do trajeto antropológico, a potência fundamental dos símbolos que é a de ligarem, para lá das contradições naturais, os elementos inconciliáveis, as compartimentações sociais e as segregações dos períodos da história. O reconhecimento de que o fenômeno do racismo é presente e interferente não se manifesta em níveis concretos e explícitos. Há como que uma abstração quanto a essa percepção, que parece pôr em evidência, como afirma Durand, a “trama metodológica” e a “sutura epistemológica” que ocorrem no pacto entre natureza e cultura. A apreensão do fenômeno fica fluida, até porque, via de regra, parte de quem não discute a realidade do fenômeno,

em sua maioria brancos e pertencentes à classe média, e de alguma forma envolvidos com discussões políticas interferentes, que, aos poucos, entram na formação do senso comum, do imaginário coletivo, que encerra em sua representação mental o resultado de dois dos mais poderosos processos de exploração e genocídio que a história ocidental moderna conheceu: Colonização e Escravidão. Esse processo teve a base do seu “aparelho simbólico” na expropriação cultural e material dos povos atingidos.

O Brasil precisa jogar-se no exercício da “bateia” para chegar a elaborar mitos coletivos de cidadania, ou seja, mitos de conquista popular de direitos, para superar o “tudo caído do céu” ou o senso da fatalidade que subjaz na cultura e no inconsciente do brasileiro. É uma questão de mudança de mentalidade.

O processo de superação da discriminação e preconceito raciais não pode ser do feito da “Lei Áurea” da princesa Isabel. Tem que ser uma conquista. Disposições legais sem conquista, sem militância, que vêm de cima, não formam o cidadão; não fazem mudança cultural. A mencionada Lei não aboliu a escravidão, porque não foi resgate de uma cultura. O Brasil precisa reinventar a sua democracia, que é indissociável da idéia de luta e conquista. Indissociável, pela necessidade de construir mitos fundadores da cidadania que, na visão durandiana do “trajeto antropológico”, envolvem holisticamente todas as dimensões do homem, o seu passado, o seu futuro, as suas ambições e suas frustrações, a transgressão de categorias, associação de idéias, poder de manipulação de sensações, impressões e conceitos. Tudo isso abrange as componentes do mundo imprevisível, renovado e criativo do imaginário. Por isso, combater as desigualdades, no Brasil, é uma revolução cultural, não uma reforma.

Dessa forma, um país que realmente se preocupa com o seu futuro e deseja construir a grandeza do seu povo deverá incluir em suas “políticas e diretrizes” a meta de uma profunda mudança de sua mentalidade cultural e histórica, que ainda conserva os ranços do colonialismo e do escravagismo. Para tanto, a Educação, no seu sentido amplo, constitui objetivo crucial do governo e da sociedade, para a construção da plenitude da

cidadania.

O processo educacional em sentido estrito, concretizado no sistema de ensino como instrumento formador que se desenvolve nas escolas, necessita partir para a revisão dos seus currículos e programas relativos à história, à sociologia e à antropologia brasileiras, no sentido de abrir espaço quanto à correta apreensão do problema racial e discriminatório.

Embora sabidamente a mudança da mentalidade cultural seja um processo lento, que não se resolve em uma geração, é preciso constantemente alertar, anunciar, denunciar, reivindicar. E aí a Educação participa como elemento privilegiado na cadeia das instituições democráticas, como instrumento de mudança, seja de valores sociais, seja de comportamentos que exijam a reavaliação de conceitos fundamentais, como justiça, igualdade e liberdade. Em todas essas instâncias, a Educação repensada constitui o elemento chave para uma perspectiva de qualidade de vida dos indivíduos, envolvendo paralelamente uma mudança cultural, com todas as implicações de participação e consciência das classes excluídas ou ignoradas, em um processo de auto-afirmação, e não em uma postura passiva, confiando na eficácia de “ações afirmativas” (1), que se consubstanciam em concessões oficiais e em discursos.

NOTAS:

① Subverter - voltar de baixo para cima; revolver. Destruir, aniquilar (o que está assente); agitar, sublevar, revolucionar. Cf. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

② Imaginário - “Campo geral da representação humana, sem qualificação explicativa ou prática. É também entendido como o conjunto das relações de imagens que constitui o capital pensado do homo-sapiens”. Cf. Durand, G., As estruturas antropológicas do Imaginário. Introdução à Antropologia Geral. Tradução, Lisboa, Editorial Presença, 1989.

③ Preta - a dona da casa.

④ Racismo - “O racismo é a valorização, generalizada e definitiva, de diferenças, reais ou imaginárias, em proveito do acusador e em detrimento de sua vítima, a fim de justificar seus privilégios ou sua agressão.” Cf. Fontette, François de. Le racisme, Paris. P.U.F., 7<sup>a</sup>.

ed., 1992.

Ⓞ Democracia racial - ou seja: brancos e não-brancos se entenderiam amistosamente, sem que nada existisse entre eles que promovesse seu afastamento. Cf. Skidmore, Thomas E. Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 151.

Ⓞ Paisagem mental - “Modo de pensar, sentir e agir”, caracterizado pela conectabilidade dos contrários; cada prática simbólica ou grupo de práticas simbólicas expressa uma paisagem mental. Cf. Lahud, Altair Macedo, em *Imagens da Vida e da Morte: Vetores Culturalísticos de um Grupo de Idosos e Pistas para Criação de um Espaço Cultural*. Tese de doutorado, S. Paulo, USP, 1993, p. 637.

Ⓞ Trajetó antropológico “Incessante troca que existe, ao nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”. Cf. Op. Cit.

Ⓞ Racismo cordial - Racismo não adotado às claras. Racismo camuflado, feito às escondidas. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intactas suas sensibilidades e suas emoções. Cf. Folha de São Paulo/Data Folha. Racismo Cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil. São Paulo, Ática, 1995.

Ⓞ Estrutura - Cf. Durand, G., op. Cit., pp. 44 e 242. O autor define “estrutura como uma forma transformável desempenhando o papel de protocolo motivador para todo um agrupamento de imagens e suscetível ela própria de se agrupar numa estrutura mais geral”, a que o autor chama de “Regime”. Durand G. classifica os Regimes em diurno e noturno.

Ⓞ Realidade arquetipal - Segundo Jung, é uma forma, uma estrutura inata, permitindo que um conteúdo se exprima em imagens. Durand utiliza o conceito de Jung e afirma que os arquétipos determinam uma direção, não estão sendo apenas um ponto no espaço imaginário. Para Durand, os arquétipos são “realidades dinâmicas” como “categorias de pensamento”. Veja também Dessoille, in Durand, G., op. Cit., p. 34.

Ⓞ Ações afirmativas - Trata-se de um “conjunto de medidas, adotadas pelo Estado, com vistas a criar condições legais para que o negro assegure sua presença em todas as esferas da sociedade, principalmente no emprego e na educação - os dois mais relevantes princípios da afirmação do homem”. Cf. Andrews, George R. “Uma perspectiva comparada Brasil e Estados Unidos”. In Seminário Internacional Multiculturalismo e Racismo: o papel da ação afirmativa nos Estados Democráticos Contemporâneos. Ministério da Justiça, 1996, p. 6.

**MARIA AMÉLIA TELES**  
**UNB - BRASÍLIA - DF**



**3**

**O IMAGINÁRIO DE PROFESSORES DE UMA PRÉ-  
ESCOLA DE BRASÍLIA**

**Bernadete Moreira Pessanha Cordeiro**



**XV CICLO DE ESTUDOS SOBRE O IMAGINÁRIO- Imaginário e Complexidade  
Universidade Federal de Pernambuco- 30/10 a 1/11/96**

**O Imaginário de Professores de uma Pré- Escola de Brasília: Um Estudo de Caso<sup>39</sup>**

**“Mas a escola não é só isso. Existe um mundo aparente e não aparente, oculto, nas paredes que ouvem todos os dias as vozes que nela habitam”**

**Bernadete Moreira Pessanha Cordeiro  
( PAD/ FE/ UNB)**

---

*Muito se tem discutido sobre a escola e conseqüentemente sobre as formas de gestão do processo pedagógico. Por que elas não conseguem mais explicar a realidade da escola? Por que mesmo em gestões “democráticas” não nos sentimos envolvidos no processo? Por que é difícil administrar a atual dinâmica da escola?*

*Tentando descobrir pistas para responder estas questões é que realizou-se este estudo de caso, que ainda não chegou ao fim, mas já possui elementos que permitem uma breve análise do universo que o compõe.*

---

**Este estudo de caso está sendo realizado numa escola localizada em uma**

---

<sup>39</sup> Este trabalho não está concluído, pois sua versão final será a dissertação de mestrado a ser apresentada no primeiro semestre de 97, na Universidade de Brasília. Seu objetivo neste evento é apresentar um pouco da aplicação do Teste AT 9, utilizado como recurso de coleta de dados neste trabalho.

cidade satélite do Distrito Federal. A escola trabalha em regime de convênio com a Fundação Educacional do DF, atendendo a 20 turmas da pré - escola em dois turnos, num total de 350 alunos, possuindo em seu quadro 9 professores efetivos da Fundação Educacional do DF e 6 professores, um diretor e um coordenador contratados pela entidade conveniada que também mantém a escola .

Esta escola foi escolhida por possuir um quadro híbrido, ou seja existirem dois grupos de professores que apesar de pertencerem a entidades diferentes e possuírem contratos de trabalho regidos por leis diferentes, estão sobre o mesmo regime de gestão.

Diante disto o presente estudo tem os seguintes objetivos:

1- levantar através de entrevistas, da aplicação do teste AT 9 e das anotações no diário de bordo, os elementos presentes na cultura do grupo de professores<sup>40</sup> da escola em questão;

2- mapear a realidade e a consciência do grupo: cultura patente ( elementos técnicos- estruturais) e a cultura latente ( nível afetivo de estruturação do grupo ), a partir dos dados coletados;

3- desenhar, então , a paisagem mental do grupo;

4- analisar através da realidade mapeada, a relação entre cultura patente e latente no grupo: identificando se o grupo atua sob uma relação burocrática, centralizadora, autoritária, hierarquizante, visando manter a ordem, eliminando e até mesmo excluindo o conflito, o diferente; se o grupo possui uma relação afetual, participativa que permite a integração dinâmica de seus membros; ou se o grupo possui outro tipo de relação.

---

<sup>40</sup> Este estudo de caso privilegiou os professores na tentativa de realizar um recorte significativo do campo de estudo.

5- Propor indicadores para uma possível re- paradigmática que permitirá a possibilidade de estudos, mudanças de rumo no grupo de ação, caso se verifique o teor e o sentido da intervenção.

Estes objetivos foram formulados visando responder a seguinte questão: **o simbolismo expresso no cotidiano de um universo escolar representa, na escola analisada, um reflexo de gestão democrática ou se desenvolve pautado em ações autocráticas ?**

Por se tratar de um estudo de caso adotou-se as orientações de Lüdke e André (1980)<sup>41</sup>, pois segundo esses autores os estudos de caso visam a descoberta, retratando a realidade através de uma variedade de fontes de informações, representando os diferentes e às vezes até conflitantes pontos na situação social.

Assim, além de entrevistas, o levantamento dos dados contou com o auxílio do AT 9- Arquétipo Teste de Nove Elementos- método de estudo criado por Yves Durand<sup>42</sup> - teste projetivo criado para validar a teoria de Gilbert Durand, que parte da concepção que o objeto de estudo é a imagem, o seu campo o imaginário e sua função a imaginação, abrindo caminho para uma nova tese, que concebe a imaginação dotada de características que a definem como verdadeira função do psiquismo, valorizando psicologicamente, todos os fatos da vida mental inconsciente e da capacidade lúdica ou de criação de imagens e símbolos. O imaginário é assim entendido como terreno ou conjunto da representação humana. Um espaço pontuado por imagens, signos, sensações... numa dada cultura. Pois, esses elementos nunca aparecerão sozinhos, mas como simbiose das vivências do grupo.

---

<sup>41</sup> LÜDKE, Menga e André, maril E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo, E.P.U., 1989

<sup>42</sup> DURAND, Yves. L'Exploration de L' Imaginaire. Introduction à la Modelisation des Univers Mytiques. Paris, L'Espace Bleu, 1985

O teste AT 9 é composto por nove elementos: queda, espada, refúgio, monstro devorador, algo de cíclico, personagem, água, animal e fogo que são estímulos arquétipos servindo para desencadear as imagens que são expressas pela dupla construção de um desenho ( fato simbólico concretizado em imagem) e de um relato que dará fundamento ao desenho: a organização dos fatos num conjunto significativo, inclui ainda, um pequeno questionário .

As respostas do teste representam ainda o drama entre a idéia de vida e de morte que podem apresentar- se uma mais forte que a outra, ou em harmonia. São estes pontos, nós aglutinadores, que foram levantados pelo AT 9 e pelas entrevistas, que possibilitarão a identificação das representações imagéticas do grupo em questão, frente ao tipo de gestão instaurada na escola.

A análise deste estudo de caso não abrangeu todo o universo de professores que compunham a escola, mas trabalhou com um grupo representativo que resultou de uma seleção aleatória. Como existiam na escola escolhida 15 professores distribuídos em três classes: professores da creche ( regime integral de trabalho e pertencente a entidade), turno matutino e turno vespertino, foram selecionados, a partir de um sorteio , 9 professores, 3 de cada categoria.

O quadro teórico que compõe este estudo apontou sempre para autores que abrem caminho para análise de uma dimensão outra para explicar a realidade da organização e gestão da escola. Contribuindo para que pudessem ser levantadas as minúcias desprezadas na paisagem mental e nas entrelinhas do discurso, tentando-se mostrar a existência de dados/ fatos localizados no cotidiano que interferem no entendimento do real no cenário escolar.

Temos então:

. TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez - Onde destaca-se a necessidade de complementação dos estudos existentes no campo da organização escolar.

. PAULA CARVALHO, José Carlos de- Que ressalta a cultura patente e latente no bojo das organizações , bem como a cultur análise de grupos.

. Y. DURAND E O AT 9- Um teste projetivo criado para validar a teoria de G.

Durand, que parte da concepção que o objeto de estudo é a imagem, o seu campo o imaginário e sua função a imaginação.

. G. DURAND- Que ressalta a relação dialética entre o real e o imaginário e resgata todo o valor da imaginação.

**Outras obras e textos foram e estão sendo buscadas no decorrer deste trabalho, procurando ampliar assim o quadro teórico do mesmo. São elas:**

1. IMAGENS DA VIDA E DA MORTE: VETORES CULTURANALÍTICOS DE UM GRUPO DE IDOSOS E PISTAS PARA A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO CULTURAL.<sup>43</sup> - onde a autora pesquisa, com o auxílio do AT 9, as representações imagético- simbólicas, num grupo de idosos, que ela denominou, com Satre, “grupo em fusão”, devido ser ainda um grupo difuso - em formação- pelos professores aposentados do Distrito Federal; grupo potencial da criação do possível espaço cultural reparadigmatizado. Defende a idéia da existência e da importância do respeito, no processo de organizar, da dimensão simbólica- uma dimensão “outra”.

2. CULTURA E IMAGINÁRIO SÓCIO ORGANIZACIONAL: UM ESTUDO SÓCIO ANTROPOLÓGICO NO UNIVERSO DE UMA ORGANIZAÇÃO EDUCATIVA.<sup>44</sup>- Cujo trabalho/ pesquisa/ tese, entre seus objetivos, situa parte do que pretende este projeto, pois ambos têm como cenário a escola .A profundidade deste trabalho aponta para relações antropológicas entre cultura e organização escolar, buscando assim destacar o valor da abordagem sócio-antropológica para o conhecimento desta organização.

---

<sup>43</sup> LAHUD, Aíair Macedo . Imagens da Vida e da Morte: Vetores Culturandifícos de um Grupo de Idosos e Pistas Para a Criação de um Espaço Cultural. Tese de Doutorado. São Paulo- FEUSP. 1993 ( mimeo)

<sup>44</sup> SUANO, Helenir. Cultura e Imaginário Sócio Organizacional: Um Estudo Sócio- Antropológico no Universo de uma organização Educativa. Tese de doutorado. São Paulo. FEUSP. (mimeo)

3. Outros autores como Maffesoli, E. Morin , Augras<sup>45</sup> ...que serão melhor evidenciados na dissertação de mestrado, compondo o quadro teórico que vem sendo construído.

**- Sobre os Protocolos do Teste AT 9 : algumas pistas a serem ainda estudadas/aprofundadas.**

---

<sup>45</sup> AUGRAS, Monique. Alteridade e Dominação no Brasil. Psicologia e Cultura. Rio de Janeiro, Ed. Nau, 1995

- Quadro-resumo

Os quadros seguintes apresentam um resumo da análise elemental, funcional e simbólica dos nove protocolos aplicados no universo deste estudo de caso.

QUADRO I - REPRESENTAÇÃO DOS ELEMENTOS

| Elementos / Protocolos   | QUEDA               | ESPADA            | REFÚGIO                   | Monstro  | CICLICO                         | PERSO-NAGENS             | AGUA                            | ANIMAL                  | FOGO                      | Incidência por Teste |
|--------------------------|---------------------|-------------------|---------------------------|--|---------------------------------|--------------------------|---------------------------------|-------------------------|---------------------------|----------------------|
| 01                       | d'água              | espada            | casa                      | leão   | ovo                             | homem (o herói)          | cachoira                        | pato                    | fogueira                  | —                    |
| 02                       | cachoira            | espada            | casa                      | gente  | flores                          | uma mulher               | cachoira                        | urubus                  | amor da mulher pelo homem | 2/cachoira           |
| 03                       | do nada para o nada | espada bem grande | casa da mãe               | barata   | água que desce pelo ralo da pia | Pantera cor de rosa      | água parada de um lago          | Um gato branco e pebado | brilhante                 | 2/ água              |
| 04                       | água corrente       | não visível       | devaneios                 | corrente d'água                                    | imaginação                      | homem                    | água                            | peixe                   | chamas                    | 3/ água              |
| 05                       | o menino caindo     | espada            | uma caverna               | um fantasma real                                   | O ciclo da vida de um bebê      | menino                   | uma torneira com o copo embuado | um pombo                | uma fogueira              | —                    |
| 06                       | cachoira            | espada            | caverna                   | monstro  | no                              | homem                    | no/cachoira                     | urubu                   | fogueira                  | 2/ cachoeira         |
| 07                       | cachoira            | espada            | casinha cercada de pedras | monstro em forma de lagarto (solta fogo pela boca) | peixe                           | Marcos                   | queda d'água-lagoa              | peixe                   | fogueira                  | 2/ peixe             |
| 08                       | precipício          | espada            | cigarro                   | fantasma   | Terra                           | Meu nome                 | lago                            | galinha                 | —                         | —                    |
| 09                       | cachoira            | enterrada no muro | cabana                    | monstro de lama                                    | peixes                          | uma mulher               | lago                            | pássaro                 | fogueira                  | —                    |
| Incidência por elementos | 4- cachoeira        | 7- espada         | 2- casas<br>2- caverna    | —  | 2- peixes                       | 3- homens<br>2- mulheres | 3- cachoeira                    | 2- urubu<br>2- peixes   | 5- fogueira               |                      |

QUADRO II - FUNÇÃO DOS ELEMENTOS ANÁLISE FUNCIONAL

| Elementos / Protocolos   | QUEDA                      | ESPADA                | REFUGIO             | MONSTRO                      | CICLICO             | PERSO-NAGENE                        | ÁGUA                               | ANIMAL                      | FOGO   | Incidência por Teste |
|--------------------------|----------------------------|-----------------------|---------------------|------------------------------|---------------------|-------------------------------------|------------------------------------|-----------------------------|--|----------------------|
| 01                       | estabelece a ordem cíclica | Proteger              | abrigar             | ameaçar                      | perpetuar a espécie | garantir sua existência heróica     | garantir a sobrevivência           | alimento                    | proteger, aquecer, etc.                                | 2/ proteger          |
| 02                       | tentativa de destruir      | dor, mágoa            | acolher             | machucar                     | desenvolvimento     | queria solucionar os seus problemas | lupgar                             | mensagem ruim               | unção  | —                    |
| 03                       | algo sem resposta          | defender-me           | abrigo seguro       | controlado                   | não ter onde pegar  | vontade de voltar                   | medo de não voltar                 | para estimar                | para aquecer   | —                    |
| 04                       | força                      | dividir               | esperança           | força                        | extravasar          | conhecer                            | tranquilizante                     | setenar                     | despertar  | 2/ força             |
| 05                       | personagem principal       | defesa do menino      | refúgio             | provocar medo                | sonhar              | elo central da história             | matar a sede do menino             | visão do menino após o sono | aquecer o pombo  | —                    |
| 06                       | refrescar                  | proteger              | proteger            | devorar, assustar            | tranquilizar        | ser o personagem                    | matar a sede                       | agoriar                     | aquecer  | 2/ proteger          |
| 07                       | encher a lagoa             | matar o monstro       | esconder do monstro | devora animais               | reprodução          | morador e dono da aldeia            | habitat natural, animais aquáticos | alimento e reprodução       | esquentar as noites frias e espantar animais selvagens | 2/ reprodução        |
| 08                       | desastre                   | instrumento de defesa | distração           | amendrontar                  | reproduzir          | poder                               | visual                             | comer                       | —  | —                    |
| 09                       | punificar                  | eliminar              | acolher             | devorar as pessoas           | vida                | manter fogo acesso                  | lavar, alimentar                   | reproduzir                  | aquecer, espantar o monstro                            | —                    |
| Incidência por elementos | —                          | 2/ proteger           | 2/ abrigar          | 3/ devorar<br>3/ amendrontar | 2/ reproduzir       | —                                   | 2/matar a sede                     | 2/alimento<br>2/ reproduzir | 5/aquecer<br>2/ espantar                               | —                    |

QUADRO III. SIMBOLISMO DOS ELEMENTOS ANÁLISE SIMBÓLICA

| Elemento s/ Protocolos  | Queda               | Espada                                  | Refúgio           | Monstro                              | Círculo  | Personagens                             | Água                                 | Animal              | Fogo                                  | Incidência | VIDA/Morte |
|-------------------------|---------------------|---|-------------------|--------------------------------------|--|---|--------------------------------------|---------------------|---------------------------------------|------------|------------|
| 01                      | inesgotabilidade    | superar obstáculo e enfrentar conflitos | a família         | transformação de obstáculo (neurais) | desejo de garantir sua continuidade através do tempo | superioridade do homem sobre a natureza | fonte de existência                  | prezeres            | amor, carinho                         | —          | 9/0        |
| 02                      | Queda do homem      | destruição do monstro                   | apoio             | uma ferida                           | paz e carinho  | busca da felicidade                     | purificação                          | o mal               | paço                                  | —          | 6/3        |
| 03                      | inexplicável        | defesa                                  | segurança         | controle                             | medo   | retorno                                 | medo, desespero                      | amor                | conforto                              | 2/medo     | 6/4        |
| 04                      | energia             | negativismo                             | desejo de paz     | algo grande                          | delírios   | real e imaginário                       | paz                                  | harmonia            | realismo                              | —          | 7/2        |
| 05                      | a árvore e o menino | espada                                  | caverna           | fantasma                             | um bebê  | —                                       | uma torneira e um copo               | pombo               | fogueira                              | —          | 7/1        |
| 06                      | calma               | força                                   | lugar seguro      | medo                                 | frescor e conforto                                   | coragem                                 | calma                                | assombro            | segurança e calor                     | 2/calma    | 7/3        |
| 07                      | beleza natural      | arma                                    | esconderijo       | pavor                                | progresso/renovação                                  | dono da aldeia                          | sobrevivência elemento indispensável | alimento/reprodutor | aquecimento para o monstro é uma arma | —          | 7/3        |
| 08                      | emoção              | vitória                                 | prazer            | medo                                 | progresso  | força                                   | paz                                  | fome                | —                                     | —          | 6/2        |
| 09                      | relaxamento         | morte                                   | o endereço da paz | tudo que é negativo                  | alimento   | proteção                                | —                                    | ciclo da vida       | força                                 | —          | 6/2        |
| Incidências             | —                   | —                                       | —                 | 2/medo                               | 2/progresso  | —                                       | 2/sobrevivência 2/paz                | —                   | —                                     | —          | —          |
| VIDA/MORTE POR ELEMENTO | 6/3                 | 6/4                                     | 9/0               | 3/7                                  | 7/2  | 8/0                                     | 7/1                                  | 6/3                 | 8/1                                   | —          | —          |

### **Algumas possíveis conclusões:**

Possíveis, pois este trabalho não está concluído, mas alguns pontos podem se levantados, são eles

- o simbolismo do grupo aponta para idéia de vida e não de morte. Em um dos testes encontra-se a incidência de 9/0, ou seja nove elementos de vida para nenhum de morte.
- o elemento representado mais firmemente como idéia de morte foi o monstro, com incidência de 3/7.
- o elemento espada quase se manteve equilibrado representando vida/ morte e até mesmo vida e morte.
- o elemento refúgio é o que está mais ligado a idéia de vida ( 9/0), seguido do fogo ( 8/1), da personagem (8/0) e da água ( 7/1).
- a paz , a harmonia sempre são buscadas e procuram reinar. Um dos elementos que bem caracteriza isto é o refúgio que em todos os testes aponta para idéia de vida.

### **Bibliografia:**

- AUGRAS, Monique. Alteridade e Dominação no Brasil. Psicologia e Cultura. Rio de Janeiro, Ed. Nau, 1995
- DURAND, Yves. L' Exploration de L'imaginaire. Introduction à la Modelisation des Univers Mythiques. Paris, L'Espace Bleu. 1988.
- \_\_\_\_\_. A Formulação Experimental do Imaginário e Seus Modelos. vista da Faculdade de Educação- USP , São Paulo, jul/dez. 1987
- DURAND, G. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. introdução á Antropologia Geral. Tradução Lisboa, editorial Presença. 1989
- LAHUD, Altair Macedo . Imagens da Vida e da Morte: Vetores Culturais de um Grupo de Idosos e Pistas Para a Criação de um Espaço Cultural. Tese de Doutorado. São Paulo- FEUSP- Faculdade de Educação da Universidade de São

- Paulo, 1993 (mimeo)
- LAHUD LOUREIRO, Altair Macedo . O AT 9 e o Imaginário: bases teóricas-instrumentais de um estudo simbólico organizacional. "Textos Universitários". Editora UnB, Brasília, 1996.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marlí E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo, Ed. E. P. U.,1980.
- MORIN, Edgar. Le Paradigme Perdu: La Nature Humaine. Paris, Seuil, 1973.
- PAULA CARVALHO, José Carlos de. Antropologia das Organizações e Educação : um ensaio holonômico. Rio de Janeiro, Ed. Imago,1990
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Antropologia, Cotidiano e Educação. Rio de Janeiro, Imago, 1990
- SUANO, Helenir. Cultura e Imaginário Sócio Organizacional: Um Estudo Sócio-Antropológico no Universo de Uma Organização Educativa. Tese de doutorado. São Paulo. FEUSP- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. (mimeo)

**Bernadete Moreira Pessanha Cordeiro**

**UnB - Brasília-DF**



